CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DAMARIS SILVA LANDIM

O MODO DE SER AUTISTA: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA

JUAZEIRO DO NORTE – CE
2019

DAMARIS SILVA LANDIM

O MODO DE SER AUTISTA: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Psicologia, do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduada em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque.

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2019

DAMARIS SILVA LANDIM

O MODO DE SER AUTISTA: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 05 / 12 / 19

BANCA EXAMINADORA

JOAQUIM IARLEY BRITO ROQUE
Orientador(a)

TIAGO DEIVIDY BENTO SERAFIM
Avaliador(a)

CICERO REGINALDO NASCIMENTO SANTOS
Avaliador(a)

O MODO DE SER AUTISTA: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA

Damaris Silva Landim[1]
Joaquim Iarley Brito Roque[2]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral a compreensão de como se constituem os modos de ser autistas com base na psicologia humanista fenomenológica. Em relação aos objetivos específicos, buscou-se descrever o autismo enquanto fenômeno, relatar a respeito da fenomenologia e sobre sua posição frente a patologização, como forma de elencar como é tido na fenomenologia humanista, os modos de ser autistas. Quanto ao método, a pesquisa será bibliográfica, de abordagem qualitativa. A finalidade da pesquisa é de forma básica e de ordem exploratória, em que, foi necessária uma leitura de 45 produções científicas, a fim de selecionar as que abarcam a temática proposta. Neste viés, foram utilizadas 36 literaturas que fundamentaram o estudo. No tocante à fundamentação, em primeiro momento explanou a respeito da etiologia do autismo e suas características gerais, frente aos critérios diagnósticos estabelecidos pelos manuais de saúde mental, como formas de avaliar e diagnosticar o sujeito. Cabendo então, acrescentar a este saber, outro, a qual tem-se a fenomenologia, como forma de agregar conhecimento, em que, para além da prática psiquiátrica, há outra forma de enxergar o sujeito adoecido. Logo, nesta maneira de pensar o homem enquanto um ser, no qual apresenta o seu modo de ser, como forma única e singular de se portar na relação com o seu mundo e no mundo. Assim, esse pensar também se perpetua no sujeito autista, com o fim de despatologizar o autismo, e lançar esta perspectiva de forma a auxiliar na prática da psicologia, enquanto uma profissão que considera o indivíduo enquanto ser ativo e presente em sua subjetividade.

Palavras-chave: Autismo. Fenomenologia. Fenomenologia psicopatológica. Modo de ser autista.

ABSTRACT

The present work has as general objective the comprehension of the constitution of the autistic ways of being based on the phenomenological humanistic psychology. Regarding the specific objectives, we sought to describe autism as a phenomenon, to report about phenomenology and its position in relation to pathologization, as a way to list how is autistic phenomenology, the ways of being autistic. As for the method, the research will be bibliographic, with a qualitative approach. The purpose of the research is basic and exploratory, in which it was necessary to read 45 scientific productions, in order to select the ones that cover the proposed theme. In this bias, we used 36 literatures that supported the study. With regard to the rationale, first explained about the etiology of autism and its general characteristics, against the diagnostic criteria established by mental health manuals, as ways to evaluate and diagnose the subject. It is appropriate, then, to add to this knowledge, another, which has phenomenology as a way of aggregating knowledge, in which, besides psychiatric practice, there is

[1]Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: damarislandim06@gmail.com
[2]Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: joaquimiarley@leaosampaio.edu.br

another way of seeing the sick subject. Therefore, in this way of thinking man as a being, in which he presents his way of being, as a unique and singular way of behaving in relation to his world and the world. Thus, this thinking also perpetuates itself in the autistic subject, in order to depathologize autism, and launch this perspective in order to assist in the practice of psychology, as a profession that considers the individual as active and present in his subjectivity.

Keywords: Autism. Phenomenology. Phenomenology psychopathological. Way of being autistic.

1 INTRODUÇÃO

A psicopatologia geral, a partir de sua origem médica psiquiátrica, costuma classificar as doenças conforme categorias prévias de análise, ou seja, a partir de determinados critérios diagnósticos. Nessa vertente, o autismo ou TEA (Transtorno do Espectro Autista), por exemplo, conforme afirma Gomes et al. (2015, p. 112), “é considerado uma síndrome neuropsiquiátrica caracterizada por manifestações comportamentais”.

As anormalidades no desenvolvimento também são características do autismo, em que, nos primeiros 3 anos de vida pode ser identificado e persistir até a idade adulta. “Apesar da relevância, a etiologia do TEA ainda permanece desconhecida” (GOMES et al. 2015, p. 112). Ou seja, é pressuposto que seja multifatorial, isto é, que esteja associada a fatores genéticos e neurobiológicos.

Logo, ainda segundo os autores, o autismo é um tipo de transtorno global do desenvolvimento de maior relevância devido a sua elevada prevalência. Dados epidemiológicos mundiais apresentam a seguinte estimativa: um a cada 88 nascidos vivos apresenta tal transtorno, e dentre estes os mais afetados são os do sexo masculino. No que se refere ao diagnóstico do transtorno de espectro autista, pode-se dizer que é essencialmente clínico, ou seja, feito a partir das observações profissionais acerca do comportamento da criança e deve se realizar a partir de entrevistas com os pais e da aplicação de instrumentos específicos. Os critérios usados para diagnosticar o autismo são descritos no Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM (GOMES et al. 2015).

Porém, do ponto de vista epistemológico, o autismo pode ser compreendido através da psicopatologia fenomenológica que busca se focar na singularidade da experiência do autismo, e assim foge de qualquer necessidade de enquadramento do sujeito em categorias prévias. Tal perspectiva não busca compreender o autismo em

si mesmo, mas o sujeito e seus modos de ser autista, e por isto levanta o questionamento se esta seria uma patologia, ou um modo de ser/estar dentre vários outros no contexto do mundo da vida. Dessa forma, analisar criticamente o saber médico, a partir dos manuais de saúde mental, tais como o DSM-V e o CID-10, torna-se primordial, pois por serem a base para outras áreas do conhecimento, tais como a psiquiatria e a psicologia tem-se colocado como saber centralizador quanto as práticas de cuidado e muitas vezes promovendo a patologização quase generalizada da vida.

A presente pesquisa se justifica diante da necessidade de se construir uma leitura teórica e práticas de intervenção baseadas em epistemologias não tradicionais, que efetivam a liberdade de ser quem se é e se preocupam mais com o prognóstico do que com o diagnóstico em si. Busca-se, portanto, construir conhecimento com base na fenomenologia com a finalidade de abrir espaço para este tema pouco debatido, afim de combater os estigmas da doença mental e a não redução do sujeito à doença, havendo assim, uma quebra de pré-conceitos que apriori são formados pela sociedade, isto posto, de maneira processual a visão de mundo que o corpo social designa aos sujeitos com diagnósticos, possa ser aperfeiçoada e aberta para não só compreender e aceitá-los, mas sim, que sejam livres para serem a sua forma.

Nesta perspectiva, como objetivo geral está a compreensão de como se constituem os modos de ser autistas a partir com base na psicologia humanista fenomenológica. Porém, para que tal objetivo seja alcançado faz necessária uma descrição do espectro autista enquanto fenômeno, e sob a concepção da fenomenologia, como também explanar a posição do humanismo frente a despatologização.

2 METODOLOGIA

Este estudo, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em que, segundo Fonseca (2002), “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas”, ademais, esse tipo de pesquisa se detém as investigações, no que diz respeito às ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema (GIL, 2007). Com abordagem qualitativa, na qual, nas palavras de Minayo (2001), equivale a um estudo, que envolve questões particulares, adentrando no campo dos significados, valores, crenças, tratando do espaço íntimo das relações, dos processos e dos fenômenos, dessa forma, não pode ser quantificado.

A finalidade da pesquisa é de forma básica, em que sem tem como propósito, gerar novos conhecimentos, os quais, possam ser úteis para o avanço da ciência, envolvendo verdades e interesses universais, e os objetivos, são de ordem exploratória, havendo como finalidade, possibilitar uma maior familiaridade com o problema, com intuito de torná-lo mais explícito ou para a construção de hipóteses (SILVEIRA; GERHARDT, 2009).

A seleção das 36 literaturas que fundamentaram o presente estudo, foi submetida aos seguintes critérios: o recorte temporal, sendo adotado o período de 19 anos, isto é, entre 2000 e 2019, exceto alguns, devido o teor de importância pertinente a sua fundamentação teórica que repercute até os dias atuais. Que tais produções científicas, estejam escritas na língua portuguesa, e que incorporem assuntos a respeito do tema. Referente às normas de exclusão, estiveram os materiais que foram grafados em outros idiomas, que não se encaixaram no recorte temporal adotado, e não tratassem da temática.

Na qual, inicialmente, foi necessária uma leitura de 45 bibliografias, a fim de escolher as que abarcam a temática proposta. A busca ocorreu por meio de livros físicos, revistas, teses, monografias e artigos, estes, no entanto, sucederam por meio das seguintes bases de dados: Scielo e Pepsic, sendo realizada por meio dos seguintes critérios: busca a partir das palavras-chave (autismo, fenomenologia, fenomenologia psicopatológica e, modo de ser autista), além, da seleção por títulos e resumos.

Portanto, o fundamento de escolha dessas bases de dados citadas, refere-se ao fato de elas concentrarem maior número de publicações referentes a psicologia, e por abordarem a produção de artigos sobre psicologia, fenomenologia e autismo, visto que, existem limitações a respeito do autismo no que se refere a fenomenologia psicológica nos meios de publicação online.

3 O AUTISMO

Segundo Marfinati e Abrão (2014), em 1943, o psiquiatra Leo Kanner, foi o primeiro a utilizar a palavra autismo enquanto uma patologia. Em que, expõe suas primeiras descobertas acerca do autismo, desenvolvendo um estudo feito com onze crianças, sendo oito meninos e três meninas, as quais se diferenciavam por possuírem algumas características incomuns em relação à outras crianças. Foi então

evidenciando que tais crianças se mantinham isoladas, de forma precoce, com grandes perturbações em suas relações afetivas.

> Outra característica encontrada foi a incapacidade na utilização da linguagem de maneira significativa. Kanner constatou desordens graves no desenvolvimento da linguagem, pois muitas crianças não falavam e as que falavam não conseguiam fazer da fala um instrumento comunicativo. Distúrbios léxicos e sintáticos eram habitualmente notados, como, por exemplo, a inversão de pronomes (referiam-se a si mesmas na terceira pessoa), a ecolalia (repetição mecânica de palavras ou frases que ouvem), além de não conseguirem dar um sentido amplo às palavras, só as entendendo em seu sentido literal (MARFINATI E ABRÃO, 2014, p. 255).

O último aspecto observado por Kanner foi a forma exagerada de persistirem na monotonia, no qual, os sujeitos sentem certo prazer na preservação da rotina e um terrível sofrimento ao serem incomodados, ou seja, se algo for alterado, mesmo que por uma minúcia, não há acordo ou consentimento.

Nesse sentido, é possível afirmar que tais características diagnosticadas por Kanner ainda constam no DSM-V (Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, 2014), que são: prejuízo na interação social e na linguagem, interesse restrito ao ambiente que os cercam, e prazer na manutenção da rotina, deste modo, o autismo, de acordo com Whitbourne e Halgin (2015), é denominado clinicamente no DSM-V, como transtorno do espectro autista. Visto como uma variedade de distúrbios sérios nas variadas formas como os sujeitos se relacionam com os demais, em que, o conjunto de critérios diagnósticos associados com este transtorno, pode persistir até o final da vida.

Para concluir o diagnóstico desse transtorno, ainda, segundo os autores, os clínicos avaliam crianças por duas formas, no qual, o primeiro inclui distúrbios sociais e da comunicação e, o segundo, abarca uma pluralidade restrita de interesses e desempenho de comportamentos que são repetitivos. Sendo, o mais típico, os déficits nos aspectos sociais de comunicação (WHITBOURNE; HALGIN, 2015).

Conforme explanado, o autismo, e todos os seus delineamentos, são restringidos pelo saber médico psiquiátrico e os manuais de saúde mental, como déficit cognitivo, e, distúrbio do desenvolvimento, isto é, uma patologia, como forma única de ocorrência em todos que se enquadram em seus critérios diagnósticos. Dessa maneira, a relação “autismo e deficiência mental” passa a ser cada vez mais considerada entre os profissionais de saúde, pois foram ensinados a partir de DSM e/ou CID (MOREIRA, 2009).

À vista disso, é necessário elucidar também uma outra visão acerca do autismo, que está para além de diagnósticos e generalização de sintomas. A contribuição da abordagem fenomenológica, em que, de acordo com Donzelli (1980) sua orientação está na direção da busca dos ‘modos de ser’, de ‘maneiras de vivenciar’. Assim, a fenomenologia tem como foco o significado de “ser patológico”, e não sobre a atual situação patológica do sujeito, isto é, identificar a definição do modo de ser/estar doente, para o sujeito (SCHNEIDER; VALLE, 1996).

E, é neste sentido que a abordagem fenomenológica se propõe a prosseguir como um enfoque, ao fornecer críticas ao intensivo controle psiquiátrico, como ilustra a crítica fundamental de Thomas Szasz, ao modelo tradicional da psicopatologia, pois se restringe a uma busca por rótulos, e pelas causas intrínsecas ou extrínsecas, neste seguimento, havendo um engajamento com a filosofia dualista, a qual, separa a mente do corpo e das sensações, e assim, retirando a responsabilidade do sujeito, no que diz respeito às suas próprias vivências (HOLANDA, 2011).

Em contrapartida, não se trata em desmistificar todo o valor e conhecimento psiquiátrico, adquirido e desenvolvido ao longo do tempo, visto que, a Medicina é uma disciplina muito mais antiga que a recém-nascida Psicologia (DAWSON; TYLEE, 2001 apud MOREIRA, 2009). Porém, se faz necessário acrescentar a relevância da psicologia, visto que, o biológico e psicológico estão vinculados, constituindo-se mutuamente, nesse viés, a saúde não é tida como um estado, todavia, como um processo no qual o organismo se atualiza em conjunto com o mundo, transformando-o e atribuindo-lhe significado, na medida que o ser humano se transforma, ou seja, trata-se de uma definição da saúde mental, em que, a saúde e a patologia não representam situações contrárias, mas fases do processo da existência, que é contínuo (AUGRAS, 1981).

4 PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

4.1 O QUE É FENOMENOLOGIA?

Fenomenologia é uma palavra de longa trajetória histórica e também de uma etapa importante da Filosofia. Palavra de origem grega, a qual, é dividida em duas: “fenômeno”, que significa aquilo que se mostra e, não somente aquilo que se aparece ou parece e, “logia” (logos), que tem muitas definições para os gregos, tais como: palavra, pensamento (BELLO, 2006). Assim, refere-se ao “[...] estudo dos fenômenos,

daquilo que aparece a consciência, daquilo que é dado a partir de si mesmo" (LIMA, 2014, p.10).

Logo, pode-se expor então, que é uma maneira de conceber o mundo filosoficamente. Tendo em vista essa afirmação, não se pode pressupor que ela não é apenas um método de pesquisa para as ciências humanas, mas também uma postura diante do mundo e de sua mundaneidade. A fenomenologia, portanto, nos possibilita descrever a experiência de forma não preconceituosa, e assim mais próxima daquele que a vive (AMATUZZI, 2009). Guimarães (2008), procura delimitar um sentido comum ao termo *fenomenologia*, e afirma que esta:

> [...] não se interessa imediatamente pelos objetos ou pelos fatos, mas pelos sentidos que neles podem ser percebidos. Fenomenologia é o ato de perceber e descrever as essências ou sentidos dos objetos. Enquanto as ciências positivas buscam suas verdades nos fatos, a fenomenologia descreve essas verdades a partir da percepção das essências dos fatos, pois é nelas que os seus sentidos se revelam tais quais são (GUIMARÃES, 2008, p. 73).

A fenomenologia, é uma perspectiva epistemológica oriunda da filosofia do século XX, em que, se tem como ponto de partida a ideia de que é necessário investigar os dados imediatos da consciência, por isso, seu embasamento é direcionado para o interrogativo, o radicalismo e o inacabamento essencial que há no fenômeno. Dessa forma, esse método filosófico desvela a cotidianidade do mundo, do ser onde a experiência se passa, expressada na descrição de suas vivências.

Em suma, o primordial nesta corrente se encontra nesta descrição. Com isso, tal detalhamento fenomenológico vem a ser relevante para os estudos da área de humanas, principalmente para a psicologia, visto que, o olhar que é comum não permite evidenciar o fenômeno em si mesmo. Dessa forma, nessa abordagem considera-se a vivência do sujeito em seu próprio mundo, na sua experiência que é singular, a qual, possa conceder indagações a respeito do fenômeno que deseja compreender (SILVA; LOPES; DINIZ, 2008).

De acordo com Zilles (2007), Husserl relatou que a atitude natural, não-fenomenológica, resulta em uma forma de observar o meio de forma ingênua como um mundo dos objetos, todavia, a fenomenologia, estabelece uma outra maneira, que não se refere somente a filosofia, como também as ciências singulares. Amatuzzi (2009), retrata a experiência fenomenológica como uma consideração da experiência em si mesma, independentemente dos juízos de realidade ou de valor que espontaneamente somos levados a fazer. Ainda, nos pensamentos do autor, esses

juízos, portanto, correspondem ao que Husserl denominou como atitude natural, esta que se manifesta na ausência da postura ou método fenomenológico.

Nesse sentido, conforme afirma Silva, Lopes e Diniz (2008), a fenomenologia oferece o saber junto a compreensão, buscando a valorização do ser na sua singularidade, uma vez que, direciona a atenção ao que se repete, e com o que se manifesta. Por isso pode-se afirmar que a valorização do ser é fundamental para que se justifique o rigor científico desta abordagem, que origina na experiência do existir.

A fenomenologia, tem a preocupação em explicar as estruturas em que a experiência se verifica, descrevendo-as em suas estruturas universais. Heidegger, no livro “Ser e Tempo”, apresenta sua preocupação pela questão do ser. Considera-se, então, fundamental a busca do ser e propõe, para conseguir proceder a uma análise da existência humana, ou seja, do *Dasein*, sendo inerente ao indivíduo estar aberto ao ser. O referido autor, em sua obra, está a clarificar a estrutura que constitui o ser do *Dasein*, afirmando que o *Dasein*, é uma forma de experienciar, ou seja, um modo próprio de viver dentro de um horizonte de temporalidades, em que, tem tendência para compreender o seu próprio ser a partir do ente (NUNES, 2002).

> O "ser-aí" é um ente que não é simplesmente dado como um ente entre outros. Ao contrário, ele se caracteriza ontologicamente pelo fato de que em seu ser há questão deste ser. Pertence, pois à constituição do ser do ser-aí que aja em seu ser uma relação de ser ao seu ser. O que, por sua vez, quer dizer: o ser-aí se compreende sempre de alguma maneira e mais ou menos explicitamente no seu ser. É característico desse ente que com seu ser e pelo seu ser, este ser lhe seja aberto (revelado). A *compreensão do ser* é *ela mesma uma determinação* do ser do ser-aí. O caráter ontológico próprio do ser-aí resulta de que o ser-aí é ontológico. (HEIDEGGER, 1960, p. 12).

O ser-aí ou *Dasein*, como denominou Heidegger, é um ser aberto ao novo e não fechado para o mundo, o oposto disso, é um ser colocado no mundo, ser-no-mundo com outros seres. Nessa perspectiva, o ser humano é um ser concreto, situado, aberto em todas as suas possibilidades. É poder-ser, ultrapassar e romper barreiras, ser transcendente. O enfoque fenomenológico, portanto, compreende o humano enquanto ser no mundo, na situação de estar lançado, sendo presente e presença (NUNES, 2002).

4.2 MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Para Feijoo e Mattar (2014), dois elementos foram os pilares no processo de criação da fenomenologia: a concepção de método e a noção de intencionalidade. Em

que, Husserl se apropriou do método fenomenológico para investigar o fenômeno da consciência.

O método, então, apresenta etapas estabelecidas como a redução fenomenológica, também chamada de redução transcendental, a qual Husserl procura apresentar quais as estruturas universais da vida intencional. Nesse viés, possibilitando uma mudança de atitude na visão de mundo, acolhendo mundo e sujeito como fenômeno, no âmbito do qual revelam-se, reciprocamente, em sua existência (SILVA; LOPES; DINIZ, 2008).

O fenômeno, então, é psíquico, é a consciência enquanto "[...] fluxo temporal de vivências e cuja peculiaridade é a imanência e a capacidade de outorgar significados às coisas interiores" (CHAUÍ, 2000, p.6). Assim, a consciência para Husserl, ao ser estudada em sua estrutura imanente e específica, revela-se como algo que ultrapassa o nível empírico, surgindo, portanto, como uma consciência transcendental (SILVA; LOPES; DINIZ, 2008).

De acordo com Galeffi (2000), Husserl, designou que a redução fenomenológica proporciona o acesso ao "retorno à consciência". Assim, através da redução fenomenológica os objetos se revelam na sua constituição. Retornando à consciência, os objetos aparecem na sua constituição, ou seja, como correlatos intencionais da consciência. O retorno, portanto, permite dissolver o ser na consciência, isto é, permite que o ser, ou seja, o "ser do ente", se torne consciência.

Deste modo, o retorno à consciência é o mesmo que o retorno às próprias coisas, retorno que permite, segundo Husserl, a construção de uma ciência da essência do conhecimento. Assim, se o conhecimento é sempre "conhecimento de coisas", ele será sempre um conhecer de acontecimentos conscientes. No qual, em resumo a consciência é sempre "consciência de…", consciência de algo (GALEFFI, 2000).

4.3 O MODO DE SER DO-ENTE NA FENOMENOLOGIA

A psicopatologia fenomenológica, consiste em um ponto de vista que prioriza a forma como o fenômeno se manifesta e o significado para quem o vivencia, para além da lógica psiquiátrica classificatória, pois compreende os transtornos mentais como condição de possibilidade de uma existência adoecida e se apresenta como uma vertente que rompe com os padrões dominantes de saúde e doença e de normal e

patológico, que por sua vez, categorizam e excluem os indivíduos que possuem um laudo diagnóstico, vistos apenas como mais um doente (PESSOTTI, 2006; SCHNEIDER, 2009).

Dessa forma, se atém ao fenômeno que faz parte de toda a experiência do adoecer, sem focar apenas no sintoma. Trata-se, portanto, de uma percepção do adoecimento psicopatológico, o qual, há o "transtorno" e a forma de experienciar de cada sujeito que é acometido por tal. É uma experiência de mundo que tem suas individualidades, porém, que também possui fins coletivos e atrelado de histórias, visto que, a subjetividade é considerada uma intersubjetividade, entre homem e mundo (MOREIRA, 2011).

Para Forghieri (2011), o ser no mundo está além de ser (humano) e estar (no mundo), é estar disponível às possibilidades que são ofertadas, se atualizando à medida que é lançado ao mundo (ser-aí). Dessa forma, o entendimento que se tem do mundo inclui o homem enquanto ser, e dá-se a partir do ser-no-mundo. Com isso, a noção de mundo "não se trata da natureza enquanto realidade objetiva (estudada pela ciência positivista), mas do mundo que se dá na relação, que se mostra como fenômeno primeiro e que pode ser depois elaborado pelo pensamento" (AMATUZZI, 2009, p.95).

Nesse viés, como uma grande contribuição para a psicologia, embasando abordagens como o humanismo, é primordial essa compreensão de mundo e homem, e como se dá o seu ser no mundo, em relação a cada modo de ser enquanto existência, como elucidou o Heidegger, que o existir humano não pode ser visto como algo que é presente e que se encerra em si; "ao contrário, esse existir consiste em meras possibilidades de apreensão que apontam ao que lhe fala e o encontra e que não podem ser apreendidas pela visão e pelo tato" (HEIDEGGER, 2001, p.33).

5 O MODO DE SER AUTISTA: A SINGULARIDADE DA EXPERIÊNCIA

Freitas (2015), traz a fala de Jim Sinclair, o qual afirma que, quando se intitula 'pessoa com autismo' é de forma errônea e equivocada, e define que a forma assertiva de denominar seria 'pessoa autista', pois, o sujeito não 'estaria com o autismo', como se pudesse retirá-lo de seu corpo como um acessório, ou curá-lo como uma patologia. Ao contrário disso, é o que o faz ser único em seu modo de ser, no qual, cada 'pessoa autista', estará em relação consigo e com o mundo a sua forma.

Segundo Sá e Barreto (2011), em decorrência desse pensar, enquanto existência de cada sujeito e os variados ‘modos de ser’, determina uma conduta diferenciada, no que diz respeito a cada sujeito, não apenas os que são considerados doentes. E essa atitude, se perpetua na prática da psicologia. Não reduzindo o sujeito enquanto ser e seu sofrimento existencial, a uma dimensão, seja orgânica, psicológica ou social. À vista disso, não há nenhum direcionamento, mas a desconstrução dos pré-conceitos que se dão na cotidianidade, transformando a prática da psicologia em uma experiência que seja apropriada, que esteja instituída por “aceitar simplesmente aquilo que se mostra no fenômeno do tornar presente e nada mais” (HEIDEGGER, 2001, p.101).

Fadda (2013) acrescenta que, ao entrar em contanto com um sujeito autista, é necessário expandir a percepção de forma a perceber o que está a vivenciar. Para tanto, como elucida Rogers (1977), estar com o sujeito neste sentido, significa abrir mão dos próprios valores, como forma de adentrar no mundo do outro sem formulações pré-estabelecidas. Deste modo, o método fenomenológico se apresenta na compreensão empática, possibilitando que o psicólogo possa vislumbrar como a pessoa autista é, enquanto ser que está a vivenciar no mundo (FADDA, 2013).

Considerando então, os indivíduos de espectro autista, e as diversificadas teorias existentes com intuito de diagnosticar, tal como a psiquiatria classificatória com seus critérios diagnósticos, se faz então, pertinente buscar também as formas singulares de significações vivenciais do autismo. E esta perspectiva se sustenta, visto que, cada sujeito com autismo, possui o seu modo de ser baseado no que diz a fenomenologia (MARQUES; GOTO, [200-]).

Por essa perspectiva cabe a fala de Marocco (2014), ao indagar se o modo de ser autista faz surgir uma possibilidade de haver outra estrutura de linguagem. Neste caso, de acordo com os estudos já realizados ou por falas de pessoas autistas, observam que a linguagem falada no mundo autístico, é a não-verbal, isto é, pelo corpo, em que traz singularidades a cada sujeito no modo de perceber o mundo, dessa forma, no que se refere a fenomenologia de Merleau-Ponty, no autismo, põe em evidência o corpo, superando o sentido orgânico. Neste sentido, Temple Grandin, enquanto pessoa autista, acrescenta que, a maioria dos sujeitos autistas, não se utilizam das palavras em seu pensar ou agir, e sim às imagens, neste viés, coerente a atitude fenomenológica, atém-se à dimensão do saber da experiência de cada indivíduo (FREITAS, 2015).

Dessa forma, como afirma Garrote (1977), cada sujeito expressa seu modo de ser no mundo, apesar de estereótipos que sejam postos, objetivando assim, uma despatologização, em que, o autista é um ser real, em toda sua essência, e não apenas mais um doente. Rogers e Perls também fazem suas contribuições a respeito desta linha de pensamento, ao retratarem a experiência 'psicopatológica', como sendo a forma genuína do sujeito de ser/estar no mundo (MOREIRA, 2009).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorrer sobre os modos de ser de cada sujeito, frente a patologia, utilizando da fenomenologia, assemelha-se a realidade, ou seja, é estar imerso no mundo de possibilidades. É ser lançado e estar aberto a ser quem se é, no dizer e no conhecer.

Assim, tendo em vista, os pensamentos dos vários autores, no que diz respeito à fenomenologia, e como ela abarca diversos outros saberes, incluindo a psicologia, a qual, lida com aspectos psíquicos, para além de um transtorno psicopatológico e suas classificações. Assim, suas teorias remetem a cada sujeito como singular, sempre em relação com o meio, experienciando, e vivenciando seus 'modos de ser'.

Essa forma de pensar, então, direciona as patologias existentes como forma de evidenciar, que o sujeito adoecido também é existente em seu mundo e no mundo, como provedor de singularidade, com o seu modo de ser único, diante o que lhe apresenta, e se faz em cada relação que estabelece.

Nesse sentido, no autismo não é diferente, pois, para além dos critérios diagnósticos, a vivência do espectro autista é dissemelhante para cada um, em que, cada sujeito autista vivencia uma relação própria consigo e com o mundo. Assim, ao (ser)em lançados em suas possibilidades, enxergam de maneira diferenciada, pois cada qual está no mundo, para ser, na sua subjetividade.

Em suma, é notável a relevância deste apanhado teórico, uma vez que, apesar da importância de unir a fenomenologia e psicologia enquanto saberes, com o propósito de compreender o ser autista e intervir em como se apresenta ao mundo, não tem sido tão abordado, diante da vastidão de arcabouços teóricos já existentes com diversificados pensadores, que visam a psicologia, enquanto prática, aspirando uma despatologização de "adoecimentos" que são cristalizados pela sociedade, como algo que é imutável e intangível.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martis. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 93-100, jan./mar., 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a10v26n1.pdf>. Acesso em: 9 de Outubro de 2019.

AUGRAS, M. **O ser da compreensão.** Petrópolis: Vozes, 1981.

BELO, A.A. **Introdução à fenomenologia.** Baurú: EDUSC, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.

DONZELLI, Telma. **O gestaltismo:** ensaio sobre uma filosofia da forma. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

FADDA, Gisella Mouta. **Autismos e o olhar centrado na pessoa.** 2013. Monografia apresentada à Universidade da Fundação Mineira de Educação e Cultura – FUMEC para a obtenção do certificado de Especialização em Psicologia Humanista, Existencial e Fenomenológica. Disponível em: <http://www.institutohumanista.com.br/AUTISMOSEOOLHARCENTRADONAPESSOA.pdf>. Acesso em: 19 de Novembro de 2019.

FEIJOO, A.M.L.C; MATTAR, C.M. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 30, n. 4, p. 441-447, out./dez., 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n4/v30n4a09.pdf>. Acesso em: 15 de Setembro de 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** Fundamentos, Métodos e Pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1997-2001.

FREITAS, A.B.M. **Corpo e percepções no espectro autista.** Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. 2015. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/725/1/ANA%20BEATRIZ%20MACHADO%20DE%20FREITAS.pdf>. Acesso em: 19 de Novembro de 2019.

GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto — A fenomenologia de Husserl? **Ideação**, Feira de Santana, n. 5, p. 13-36, jan./jun., 2000. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/dante5-fenomenologia.pdf>. Acesso em: 29 de Outubro de 2019.

GARROTE, M. **Interdisciplinaridade, éticas e construções psicopatológicas para uma clínica contemporânea.** Boletim de novidades - Pulsional, v. 99, 1997.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T (Org.). **Métodos de Pesquisa.** 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, P.T.M. et al. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 91, n. 2, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572015000200111&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 15 de Setembro de 2019.

GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. Para uma eidética do Direito. **Cadernos EMARF, Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-100, abr./set., 2008. Disponível em: <https://sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/para_uma_eidetica_do_direito.pdf>. Acesso em: 19 de Novembro de 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit. Tübingen:** Max Niemeyer, 1960.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon.** Petrópolis: Vozes, 2001.

HOLANDA, Adriano Furtado. Gênese e histórico da psicopatologia fenomenológica. In: ANGERAMI - CAMON, Valdemar Augusto (Org.). **Psicoterapia e brasilidade**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 115 - 160.

LIMA, M.B.A. **Ensaios sobre fenomenologia.** Ilheus: Editus, 2014

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V. Revisão técnica: CORDIOLI, Aristides Volpato. et al. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MARFINATI, Anahi Canguçu; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 19, n. 2, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-71282014000200002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 8 de Setembro de 2019.

MAROCCO, Vanessa**. Uma forma não clínica de pensar as pessoas com autismo?** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. 2004. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/618-0.pdf>. Acesso em: 19 de Novembro de 2019.

MARQUES; S.M.S; GOTO, T.A. **A fenomenologia nas pesquisas em psicologia e autismo – uma revisão sistemática.** [200-]. Disponível em: <https://sepq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/11756963665/11>. Acesso em: 8 de Setembro de 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, V. A. Contribuição de Jaspers, Binswanger, Boss e Tatossian para a psicopatologia fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 178-190, dez., 2011. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200008>. Acesso em: 19 de Novembro de 2019.

MOREIRA, Virginia. **Clínica humanista-fenomenológica:** estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e Tempo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PESSOTTI, I. Sobre a teoria da loucura do século XX. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 113-123, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000200002>. Acesso em: 19 de Novembro de 2019.

ROGERS, Carl Rogers; ROSENBERG, Rachel Lea. **A Pessoa Como Centro.** São Paulo: EPU, 1977.

SÁ, Roberto Novaes de; BARRETO, Carmem Lúcia Brito Tavares. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. **Estudos da Psicologia**, v. 28, n. 3, p. 389-394, jul./set., 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000300011>. Acesso em: 16 de Outubro de 2019.

SCHNEIDER, D. R. Caminhos históricos e epistemológicos da psicopatologia: contribuições da fenomenologia e existencialismo. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 1, n. 2, p. 62-76, out./dez., 2009. Disponível em: <http://psiclin.paginas.ufsc.br/files/2010/04/SCHNEIDER-D.-Caminhos-hist-e-epist.pdf>. Acesso em: 19 de Novembro de 2019.

SCHNEIDER, J. F.; VALLE, E.R.M. **O ser esquizofrênico e a retomada do tempo:** estudo fenomenológico. Goiânia: AB editora, 1996.

SILVA, J.M.O; LOPES, R.L.M; DINIZ, N.M.F. Fenomenologia. **Revista Brasileira de Enfermagem,** Brasília, v. 61, n. 2, p. 254-257, mar./abr., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a18v61n2.pdf>. Acesso em: 15 de Setembro de 2019.

WHITBOURNE, S.K.; HALGIN, R.P. **Psicopatologia:** perspectivas clínicas dos transtornos psicológicos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 8, n. 2, p. 216-221, jul./dez., 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005>. Acesso em: 9 de Outubro de 2019.